

Bruno Martins de Carvalho Paulo

*"A vida contemplativa pressupõe uma pedagogia específica do ver".
(Byung-Chul Han)*

ITINERÂNCIAS EM UM COLETIVO E UM COLETIVO DE ITINERÂNCIAS: OS COTIDIANOS QUASE NÃO VISTOS

Quando eu olho para os cotidianos da minha vida e me deparo com esta vastidão de possibilidades, histórias, pessoas, ideologias, culturas e saberes, imediatamente o muro da "verdade absoluta" cai perante os meus olhos. Os saberes que antes eu tinha como únicos, verdadeiros e imutáveis foram ressignificados, alterados e mudados, pois diante das redes de conhecimentos, pessoas e culturas, pude (re)descobrir a beleza da diversidade, a beleza dos caminhos não percorridos por mim, mas percorridos por outros, caminhos estes cheios de histórias, significados e *açõesemoções*¹. E por falar neste "outro caminho" ou "outro olhar", que conto aqui uma experiência linda que tive com os cotidianos.

¹ O autor entende que toda ação gera uma emoção. Portanto, não podem ser dissociadas quando se pensa nos sujeitos.

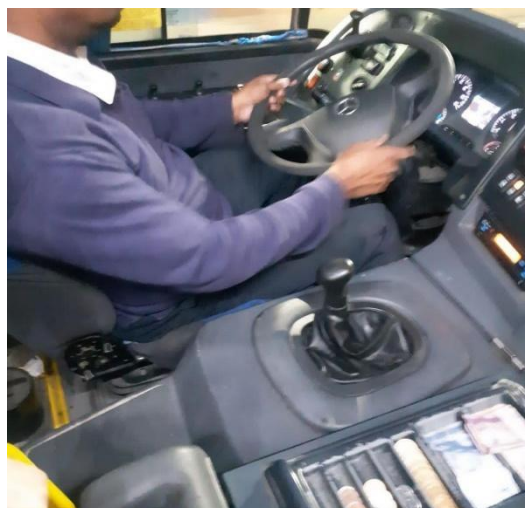


Figura 1 Acervo pessoal do autor

A imagem é resultado de uma mudança em meu cotidiano. Acostumado sempre a entrar no ônibus e passar pela roleta, neste dia da foto, o coletivo estava tão cheio que não consegui chegar até a roleta, e fui impelido a permanecer ali, ao lado do motorista. Foi a partir deste momento que vi além do já visto. A primeira coisa que me chamou a atenção foi a pessoa do motorista: um homem idoso. Ao redor dele, em seu espaço de trabalho, a caixinha do troco me mostrando dois problemas: o desemprego dos cobradores e o acúmulo de tarefas sobre o trabalhador motorista, deixando claro para mim acerca da precarização do trabalho promovida por uma sociedade neoliberal que visa o lucro e onde *"time is money"*, isto é, não há tempo para a pedagogia do ver, do sentir (HAN, 2017). O símbolo no volante *"Mercedes-Benz"* está ali me dando uma pista de que ao mesmo tempo sendo um símbolo imponente das marcas veiculares, ela está imperceptível diante das pessoas trabalhadoras que transitam por ali. Naquela hora, imponente mesmo é o cansaço do trabalhador. Fiquei pensando e refletindo: o motorista é como eu, um pedagogo. Vou explicar melhor. A origem da palavra pedagogo é *"conduzir"*. Naquele momento, estava aquele motorista conduzindo a muitos pelo caminho, pelo trajeto, pela rota, pelo itinerário. Mas como um pesquisador cotidianista, não trabalhamos com a ideia de itinerários,

mas itinerâncias, e são essas itinerâncias que nos (trans)formam, que nos fazem olhar para o que não tem visibilidade, de nos fazer pensar em coisas novas, novas estratégias e táticas, e de nos fazer perceber as “mil maneiras de fazer com” (CERTEAU, 2014).

O motorista não está interessado e nem preocupado em qual ponto iremos descer, a missão dele é nos transportar. Assim como ele, a minha missão como educador não é direcionar os sonhos de ninguém, nem moldar vontades, ideologias e pensamentos dos estudantes, mas permiti-los que sejam transportados para onde quiserem ir e para o que quiserem ser. O educador cotidianista não é um motorista de itinerários, mas um transeunte transitório de idas e vindas, retornos e contornos, à primeira ou à marcha ré, ou seja, somos itinerantes que promovem novas itinerâncias.

Referências:

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes do fazer. 22 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. 2ª edição ampliada – Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

Sobre o autor:

Bruno é mestrando pelo ProPEd/UERJ, orientando do Prof. Dr. Fernando Pocahy. O autor também é graduando em Pedagogia pela Faculdade de Educação – UERJ e está no último período. Casado, sem filhos, formado em Administração, abandonou a área corporativa para se dedicar à sua paixão: a educação. É amante da linha dos Cotidianos e suas pesquisas giram em torno do Envelhecimento e Educação de Jovens, Adultos e Idosos.